

Fenomenologia: aplicações metodológicas em pesquisas sobre cidades

**Juliana Varejão Giese
Luciana Bosco e Silva
Caique de Souza Melo***

Resumo Apesar do uso frequente da fenomenologia como metodologia de pesquisa nas áreas da Geografia, Antropologia, Sociologia, Arquitetura e Urbanismo, há um emprego ainda preambular da terminologia fenomenologia urbana e do que ela representa em termos teórico-metodológicos. Nesse sentido, este artigo busca discutir o uso da fenomenologia em pesquisas sobre experiências no espaço urbano através de uma revisão de literatura que percorreu artigos publicados por pesquisadores brasileiros a partir do ano 2000. Observou-se que as pesquisas estão fundamentadas nas mesmas bases filosóficas e que as exploram com maior regularidade. Assim, considera-se que as explicitações de procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados são pouco frequentes e representam uma lacuna nas pesquisas com abordagens fenomenológicas, mas, sobretudo, um debate inevitável.

Palavras-chave: fenomenologia urbana, metodologia científica, urbanismo.

Fenomenología: aplicaciones metodológicas en investigaciones sobre ciudades

Resumen A pesar del uso frecuente de la fenomenología como metodología en investigaciones en Geografía, Antropología, Sociología, Arquitectura y Urbanismo, existe un uso preámbulo de la terminología fenomenología urbana y lo que representa en términos teórico-metodológicos. Este artículo busca discutir el uso de la fenomenología en investigaciones sobre espacios urbanos mediante una revisión de literatura que abarcó artículos publicados por investigadores brasileños a partir del año 2000. Se observó que las investigaciones se basan en las mismas bases filosóficas y que las exploran con mayor asiduidad. Así, se considera que las explicaciones de los procedimientos metodológicos son poco frecuentes y representan un vacío en las investigaciones con enfoques fenomenológicos, pero, sobre todo, un debate inevitable.

Palabras clave: fenomenología urbana, metodología científica, urbanismo.

Phenomenology: methodological applications in research on cities

Abstract Despite the frequent use of phenomenology as a methodology in research on Geography, Anthropology, Sociology, Architecture and Urbanism, there is still a preambular use of the terminology urban phenomenology and what it represents in theoretical-methodological terms. So, this article seeks to discuss the use of phenomenology in research on urban spaces through a literature review that covered articles published by Brazilian researchers from the year 2000 onwards. It was observed that the researches are based on the same philosophical bases and that they explore them more regularly. Thus, it is considered that the explanations of methodological procedures for data collection and analysis are infrequent and represent a gap in research with phenomenological approaches, but, above all, an inevitable debate.

Keywords: urban phenomenology, scientific methodology, urbanism.

— **A** pesar da fenomenologia como base teórico-metodológica ter seu espaço consolidado em pesquisas de campos diversos das Ciências Humanas, e mesmo na Arquitetura, nota-se que a aplicação do conceito de *fenomenologia urbana* é pouco anunciada, ainda que a fenomenologia esteja sendo usada em pesquisas sobre cidades e espaços urbanos. Segundo Nesbitt (2008), a aproximação entre a fenomenologia e o campo da Arquitetura e do Urbanismo tem sido feita desde a crise do movimento moderno e assume centralidade no desenvolvimento de uma teoria arquitetônica, configurando-se, em um esforço interdisciplinar, como um dos paradigmas teóricos do pós-modernismo. A problemática sobre a qual essa rota pós-moderna se desenvolve é, sobretudo, uma retomada da relação entre corpo e arquitetura. Assim, esse movimento de aproximação da fenomenologia com o estudo dos espaços reconhece o lugar do corpo e da experiência espacial na teoria e na prática profissional da Arquitetura e do Urbanismo.

Esse lugar do corpo na experiência espacial urbana foi também reconhecido como ponto importante de debate no campo da Arquitetura e Urbanismo, mais recentemente, por Jacques e Britto (2015). As autoras apresentam o argumento de que pensar o sujeito corporificado em sua relação com os espaços urbanos é retomar uma pauta humanista do urbanismo e ir contra às práticas que estão implicitamente inseridas na dinâmica contemporânea da urbanização espetacularizada e determinam o corpo como máquina, produto, mercadoria e imagem. Segundo as autoras, essas práticas controlam as subjetividades dos corpos urbanos porque limitam a experiência corporal através de uma privação sensorial.

Por considerarem que o corpo e a cidade têm uma relação na qual se constroem mutuamente, as autoras acreditam que a interação entre corpo e cidade deve extrapolar as premissas espaciais. Ao honrarmos a experiência cotidiana, o espaço praticado e vivido, nos aproximamos de uma resistência à espetacularização urbana e de um urbanismo incorporado “que se insinua através da possibilidade de constituir outra forma de apreensão urbana, e, assim, outro tipo de produção de subjetividades e de desejos, levando a uma reinvenção mais sensorial das cidades” (JACQUES; BRITTO, 2015, p. 145).

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo discutir o uso da fenomenologia como metodologia de pesquisa, considerando-a como uma ferramenta apropriada para pesquisas que têm as experiências espaciais como objeto. Para tanto, os objetivos específicos deste trabalho são: explicar as bases que sustentam a fenomenologia urbana e expor os procedimentos metodológicos característicos da abordagem fenomenológica em pesquisas sobre cidades. Este trabalho se configura como um artigo de revisão de literatura, a fim de apresentar o panorama da produção atual que aproxime fenomenologia e cidade e indicar possibilidades teórico-metodológicas para futuras pesquisas.

* Juliana Varejão Giese é Arquiteta e Urbanista, Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa. ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-4694-4560>>. Luciana Bosco e Silva é Arquiteta e Urbanista, Professora Associada no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa. ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-0015-2675>>. Caique de Souza Melo é Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa.

Na primeira seção deste trabalho são apresentadas sínteses das teorias de autores fundamentais para a compreensão da fenomenologia. Desta forma, antecipa-se os conceitos sobre os quais se fundamentam os trabalhos reunidos na revisão de literatura apresentada na seção seguinte, dividida em três categorias por temática: (1) estudos de conjuntos residenciais urbanos; (2) leituras do espaço urbano; e (3) leituras da paisagem urbana. Por fim, discorreremos sobre as possibilidades de configuração de uma *fenomenologia urbana*, refletindo sobre as especificidades das pesquisas sobre cidades.

Fenomenologia: aportes teóricos fundamentais

A fenomenologia, em síntese, é uma ciência que aborda a descrição de processos de apreensão e experimentação do mundo - os fenômenos - a partir de como se dão na consciência humana. Essa ideia parte das teorias de Husserl (1859-1938), filósofo alemão, e tem como principais referências aqueles que nele basearam suas teorias, como: Heidegger (1889-1976) e Merleau-Ponty (1908-1961). Além destes, a aproximação da fenomenologia com o estudo dos espaços tem como referências Bachelard (1884-1962); Norberg-Schulz (1926-2000); Pallasmaa (1936-).

Husserl deu início à composição conceitual da teoria fenomenológica em *A ideia da fenomenologia* (2008), cujo texto foi proferido originalmente em 1907. O autor expôs as bases das reflexões acerca da experiência humana no mundo a partir do conhecimento de atitudes intelectuais, em oposição ao foco no conhecimento natural, vigente no pensamento da época. O filósofo, então, define que:

“Fenomenologia” – designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, “fenomenologia” designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico. (HUSSERL, 2008, p. 46)

A atitude intelectual à qual se refere Husserl é constituída por um movimento intencional em relação à experiência no mundo. Ou seja, a *intencionalidade*¹, importante conceito na teoria husserliana, é o conhecimento consciente centrado no sujeito e investido na experiência. Assim, a fenomenologia aparece como ciência eidética, ou seja, uma ciência das coisas em suas essências, ciência do fenômeno puro, na tentativa de avaliar a existência do ser a partir das suas manifestações. Esse exercício de transformação de um fenômeno em puro, livre de transcendências e voltado à essência imanente é o que configura a *redução fenomenológica*. Nessa perspectiva, o mundo só adquire sentido a partir de uma consciência intencional significativa, de modo que a investigação rigorosa do mundo e do próprio sujeito deve passar pela dimensão pré-reflexiva da consciência. Desta forma, Husserl elaborou um quadro teórico de uma filosofia da consciência que reabilita a dimensão da experiência no ato de conhecer, diferente da experiência na ciência e na filosofia moderna - a experiência do pensamento - que trata das representações do mundo que se mostra ao sujeito.

Heidegger (1889-1976), que tem como referência as teorias de Husserl, avança na reflexão acerca da experiência existencial no mundo com a determinação do conceito de *habitar*², elaborado principalmente na obra *Ser e tempo* (1927) (HEIDEGGER, 2015). Para tanto, o filósofo parte do reconhecimento de um momento de estranheza

¹ A intencionalidade é um dos conceitos centrais na fenomenologia, pois a abordagem filosófica fenomenológica compreende a experiência como um fenômeno consciente. No entanto, não se deve entender que o fenômeno acontece na consciência, a intencionalidade é o reconhecimento de que o fenômeno psíquico correlaciona atos que ocorrem na consciência a objetos. Para aprofundamento, ver também os conceitos de *noese e noema* em Husserl.

² O conceito de *habitar* se relaciona com o processo significativo de Husserl. Nesse sentido, o *habitar* pode ser interpretado como a experiência intencional de significação dos objetos. O conceito também conduz à definição do Existencialismo em Heidegger.

que direciona a discussão sobre o *ser-no-mundo* através do *habitar*. A existência no mundo seria, ainda, emergida no tempo e, por isso, o *habitar* é uma experiência que, sendo condicionada ao tempo, cria uma atmosfera habitual, o hábito, o familiar. De acordo com a teoria de Heidegger, o homem habita um espaço entre o céu e a terra e é nesse espaço que a construção demorada de pertencimento - o hábito - se dá. Assim, o conceito de *habitar*, em Heidegger, não tem relação com a atividade em moradia ou ao espaço de abrigo e se constitui a partir de um primeiro momento de tensão e angústia existencial que vai se transformando, no decorrer do tempo, em um reconhecimento ontológico de pertencimento seguro. Saramago (2011, p. 74) explica que:

O habitar assume, neste momento, um sentido primordialmente temporal, de deter-se junto ou de acostumar-se a algo, ou ainda um sentido de cultivar; trata-se de uma forma de proximidade que se define antes de tudo pela permanência junto aos entes em geral, permanência esta que concede ao ser-no-mundo uma espécie de amparo, uma certa familiaridade calcada no conforto do que é sempre o mesmo.

A autora comenta, ainda, que na obra *Construir Habitar Pensar* (1951), Heidegger (2007) novamente se debruça sobre a essência humana ser justamente o *habitar*. Ou seja, *habitar* não é um comportamento possível na existência humana, *habitar* é existir. E o *construir* é o se esforçar - como a intencionalidade de Husserl - a olhar esse espaço existencial, que se configura entre a terra e o céu (SARAMAGO, 2011).

Posteriormente, Merleau-Ponty (1908-1961) estendeu a noção de intencionalidade da consciência para o ponto de vista do corpo – o corpo também é intencional, sendo consciência dos sentidos. É uma guinada na direção de uma fenomenologia corporificada³. Para Merleau-Ponty (2006), corpo e consciência estão articulados na estrutura do sujeito encarnado, que apreende e dá significação ao mundo. A centralidade do corpo no projeto ontológico de Merleau-Ponty implica reconhecê-lo como fonte legítima do conhecimento, decerto uma ruptura na tradição filosófica que, operando na cisão entre corpo e consciência, desconsidera-o no alcance da verdade.

O sujeito, na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, é um ser-situado, que está imbricado no mundo e “(...) é no mundo que ele se conhece” (2006, p. 6), sendo essencialmente relação com o mundo. Assim, abre-se caminhos para repensar, a partir dessa estrutura ontológica, a ontologia do corpo-no-espaço e do próprio espaço, já que o corpo em movimento *espacializa*. Além disso, Merleau-Ponty aponta a percepção como o fenômeno que pode nos direcionar na investigação da relação sujeito-mundo. Tal ideia foi despontada em Husserl e em Merleau-Ponty ganha força como modo de apreensão do mundo, já que o autor entende que o mundo se constitui naquilo que dele percebemos. Nesse ponto, Merleau-Ponty defende que as ciências são construídas sobre o mundo vivido e que:

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual eu possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 6)

³ Usamos o termo *corporificada* para demarcar o posicionamento do corpo em sua materialidade e em sua subjetividade no centro da experiência espaço-tempo. A materialidade e a subjetividade devem ser compreendidas aqui como uma unidade, evidência da dissolução da dualidade corpo/mente em Merleau-Ponty.

Assim, a fenomenologia consiste, em linhas gerais, como campo filosófico, em uma ciência que explora a experiência humana no mundo a partir das relações do ser humano com as coisas que nele existem. A partir disso, se desdobra, como destacado neste texto, em teorias e conceitos que abordam as nuances dessas relações, seja através da consciência intencional husserliana, da experiência existencial permanente heideggeriana ou da percepção do corpo próprio pontyana. Nesse sentido, as pesquisas sobre espaços urbanos que fundamentam seu desenvolvimento teórico-metodológico na fenomenologia consideram a cidade como o mundo vivido e percebido – um mundo urbano – e centram a experiência urbana no sujeito. Com isso, tais pesquisas buscam avaliações qualitativas dessa experiência, além de se manifestarem por um urbanismo que esteja aproximado dos processos de subjetivação que se dão nas cidades.

Aplicações metodológicas: revisão de literatura

Essa revisão de literatura foi feita nas bases de dados do Capes Periódicos e Google Acadêmico. Foram levantados artigos e ensaios de pesquisadores brasileiros, publicados entre 2000 e 2020, a partir dos descritores: *fenomenologia urbana*; *fenomenologia e cidade*; *fenomenologia e planejamento urbano*; *fenomenologia e urbanismo*. Após a leitura dos títulos, foi avaliada a indicação do conteúdo dos artigos em seus resumos para a comprovação da convergência com a temática. No processo de leitura dos textos completos, algumas palavras e expressões foram elencadas para auxiliar na decisão sobre a pertinência ou não do trabalho para esta pesquisa, como: “mundo vivido”; “intersubjetividade”⁴; “habitar”; “corporeidade”; “experiência”; “ser-no-mundo”, etc. Esses conceitos estão presentes nos textos apresentados na seção de exposição dos aportes teóricos fundamentais deste artigo e evidenciaram, nos artigos e ensaios analisados, a abordagem filosófica fenomenológica dos trabalhos. As referências dos trabalhos também foram consultadas e foram considerados aqueles trabalhos que se apoiavam em nomes como: Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Bachelard e outros no campo da Filosofia; Tuan, Relph, Dardel e outros no campo da Geografia; Pallasmaa, Norberg-Schulz e outros no campo da Arquitetura e do Urbanismo.

Por fim, alcançamos o número de 14 trabalhos. Por ter sido observado que as pesquisas sobre espaço urbano sob a perspectiva fenomenológica se assemelhavam em seus objetos de pesquisa, os trabalhos foram agrupados de acordo com suas temáticas principais. Assim, constatamos a recorrência de três principais categorias: (1) sobre conjuntos residenciais urbanos; (2) sobre leituras do espaço urbano - que incluiriam trabalhos que mobilizassem e/ou debatessem conceitos para auxiliar as leituras e aqueles que relatassem experiências de leitura em si; (3) e, por fim, sobre leituras da paisagem urbana.

A fenomenologia nos estudos de conjuntos residenciais urbanos

Esse grupo é composto por dois trabalhos que têm em comum a aplicação da abordagem fenomenológica para as pesquisas de estudos de caso em conjuntos residenciais urbanos. Os trabalhos partem da problemática que circunda a relocação de comunidades para conjuntos habitacionais projetados em função da demanda por habitação social. Uma das questões que emerge dessa relocação é a falta de conexão que os usuários têm com suas novas unidades habitacionais. Neste sentido, os dois trabalhos aqui expostos usam a fenomenologia para preencher inquietações subjetivas que estão presentes nas pesquisas que envolvem essa problemática.

⁴ Em Husserl, a intersubjetividade condiciona a existência humana à coexistência com o outro. A obra *Sur l'intersubjectivité* explora o conceito.

Malard et al. (2002) usam a fenomenologia como abordagem metodológica para abarcar dados subjetivos de interações entre os usuários e as unidades e assentamentos residenciais provenientes de projetos de habitação de interesse social. Os autores compreendem o espaço como “mediador das relações sociais” (p. 248) que “atua sobre elas, na medida em que sugere, facilita, dificulta e até condiciona os acontecimentos” (p. 248). A fim de contextualizar a abordagem fenomenológica a ser utilizada pela pesquisa, os autores apresentaram os conceitos de *conflito arquitetônico* e *leituras espaciais*. O primeiro se refere aos conflitos gerados entre um sujeito usuário de um espaço e um objeto do/no espaço que, por algum motivo, prejudica a experiência naquele espaço. Já as leituras espaciais se configuram como um procedimento metodológico composto por observações por parte do pesquisador através de instrumentos como: elaboração de croquis, fotografias, desenhos de *layout*, descrição do espaço e das atividades executadas, anotações e/ou gravações de comentários dos usuários.

Os autores se baseiam nas teorias de Herbert Spiegelberg (filósofo, 1904-1990) e de Heidegger. Segundo eles, o primeiro determina o modo como conduzir uma pesquisa com abordagem fenomenológica, ou seja, o método fenomenológico, e o segundo sustenta a interpretação de significados do fenômeno. Os procedimentos metodológicos utilizados foram observações e entrevistas não-estruturadas, conjunto que foi chamado pelos autores de *leituras espaciais*. Os dados obtidos são colocados no texto sob a forma de texto descritivo em categorias definidas por tipo de fenômeno de conflito no espaço. Por fim, os autores consideram que “a grande vantagem da abordagem fenomenológica é procurar ver e compreender o objeto tal qual ele se apresenta à nossa percepção” (p. 265) e que “(...) a abordagem fenomenológica é complementar aos procedimentos consagrados nas metodologias de APO” (p. 265).

Da mesma forma que Malard et al. (2002), o trabalho de Kashiwagi (2005) é baseado nos conflitos entre usuários e os espaços provenientes de projetos de habitação de interesse social, analisando o caso de uma favela no Paraná e propondo uma “abordagem humanístico-cultural a partir da fenomenologia e da percepção, desvendando através das construções sógnicas os significados e a identidade do lugar” (p. 7205). A pesquisa é fundamentada teórico-metodologicamente em Husserl, Tuan (geógrafo, 1930-), Merleau-Ponty e Spiegelberg. Assim, são utilizados os princípios de percepção do espaço e agregação de valor a esse espaço a partir da experiência pessoal e subjetiva.

A autora considera a afetividade como um dos principais dados subjetivos e, assim, a ideia “do espaço vivido, sentido, do mundo percebido” (p. 7205). Nesse sentido, fala sobre os sentidos corpóreos como instrumentos de apreensão do mundo, além de outros sentidos especiais como “sentido das formas, de harmonia, de equilíbrio, de espaço e de lugar” (p. 7206-7207) através dos quais “cada imagem e ideia sobre o mundo são compostas de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória” (p. 7207). Assim, para a autora, a perspectiva fenomenológica reduz a dicotomia homem x natureza e valoriza o homem enquanto sujeito que constrói o mundo a partir da cognição, afetividade e simbolização em relação ao espaço, criando-se, assim, uma unidade entre pessoa e mundo.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram aplicação de questionário e análise de mapas mentais. O questionário abordou sentimentos em relação ao espaço e memórias de experiências e situações. Os mapas mentais foram analisados quanto ao tipo de

representação, distribuição de elementos na imagem e especificação dos ícones. Em um segundo momento, foram confrontados os dados provenientes das representações de moradores do assentamento - mundo vivido - com os dados provenientes da pesquisa com não-moradores e planejadores urbanos - mundo concebido pela cidade legal.

A autora acredita, ainda, que:

A fenomenologia nos possibilita restabelecer o contato entre o mundo e as significações, o conceito de lugar é valorizado, ao ser interpretado enquanto espaço vivido, lugar encarnado de experiências e de aspirações dos seus ocupantes. Um espaço do cotidiano, onde o homem, enquanto corpo, coloca-se em relação direta e harmônica com o mundo. (KASHIWAGI, 2005, p. 7225)

Nesta categoria, observa-se que os autores utilizam o aporte teórico-metodológico da fenomenologia com intuito de compreender as espacializações das atividades dos indivíduos no espaço de conjuntos habitacionais populares. Os trabalhos abordaram os sentidos existenciais desses lugares como mundos vividos, buscando compreender o fenômeno da relação sujeito-lugar. Indicam, ainda, que a coleta de relatos das experiências dos usuários nos conjuntos habitacionais, assim como levantamentos e observações técnicas da conformação do ambiente construído, conformam procedimentos metodológicos inseridos na metodologia fundamentada na fenomenologia. Desta forma, apesar de tratarem de uma tipologia arquitetônica específica, a reflexão sobre a experiência sensível é conduzida em escala ontológica.

Fenomenologia e leituras do espaço urbano

Esta categoria considera trabalhos que se dedicam ao debate de conceitos que, fundamentados na fenomenologia, poderiam contribuir para leitura e análises das dinâmicas urbanas e dos espaços nos quais estão inseridas. Também foram reunidos neste grupo aqueles trabalhos que conduzem leituras de recortes espaciais no urbano, relatando os procedimentos metodológicos que o possibilitaram.

O trabalho de Schweickardt (2000) se delinea por uma análise teórica que entende a cidade como um lugar onde se criam inter-relações, significações e intencionalidades e, assim, se forma o “espírito” da cidade, o qual seria composto pelas variadas subjetividades que estão presentes no espaço urbano. Fundamentado em Husserl, Brentano (filósofo, 1838-1917) e Merleau-Ponty, o autor usa principalmente o princípio da intencionalidade definido por Husserl, porque, quando centrado no sujeito, o objeto intencional fica aberto a receber variadas significações, advindas de sujeitos diferentes. Ao aplicar o olhar fenomenológico à leitura da cidade, o autor enfatiza o corpo como instrumento ativo da percepção do espaço, ou seja, para além de uma relação na qual o sujeito constrói a significação do objeto - neste caso sendo o objeto o próprio espaço urbano -, a experiência cotidiana da percepção do espaço urbano também constrói os sujeitos. Por se configurar como uma reflexão sobre uma base teórico-metodológica, não há a definição de um procedimento metodológico de coleta de dados. Por fim, o autor considera que a fenomenologia “(...) pode nos ajudar na compreensão da cidade, do local e do global, da periferia e do centro, dos objetos e das pessoas, do exterior e do interior, do objetivo e do subjetivo, do formal e do conteúdo, do significante e do significado” (p. 140).

Santos e Souza (2015) utilizam a fenomenologia como metodologia de análise da qualidade ambiental de um bairro urbano. A justificativa da opção pela fenomenologia, além da abordagem perceptiva, se deu pelos autores considerarem a qualidade ambiental um dado subjetivo. Os autores acreditam que a percepção se configura, principalmente, pela atribuição de valor a um espaço e consideram que “(...) o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas” (p. 60). O trabalho se baseia em Husserl, Kevin Lynch (urbanista, 1918-1984), Yi-Fu Tuan e Okamoto (arquiteto e urbanista) e destaca que “a abordagem fenomenológica sobre um problema ambiental não estará focada no problema em si, mas no problema ambiental conforme vivido e experimentado pelos moradores do local” (p. 60). O procedimento metodológico foi entrevista semiestruturada, como meio de coletar uma descrição narrativa sobre o espaço do bairro em questão a partir de moradores locais. Os dados foram analisados a partir de uma transcrição reduzida e objetiva das sentenças proferidas pelos moradores, de forma a identificar a essência das descrições.

De Paula (2011) conduziu uma revisão de literatura para debater as contribuições de trabalhos teóricos sobre o conceito de território como dimensão vivida do espaço e aponta que a fenomenologia não está presente em tais trabalhos apesar de ser considerada pela autora como pertinente como base teórico-metodológica para trabalhos com essa temática. A autora destaca a dimensão existencial que envolve o território e a territorialidade, aos quais são acrescidas ideias de apropriação e a afetividade na relação de uma pessoa com um determinado espaço, e, a partir de um levantamento temático, aponta a recorrência de termos como: vínculo afetivo ou simbólico, apropriação simbólica, subjetividade e identidade. Assim, a autora considera que a abordagem fenomenológica contribui para a compreensão do território a partir da vivência de indivíduos, entendendo-a como processo de produção de significados.

Holzer (2017) também realizou um trabalho com o objetivo de levantar possibilidades de aplicação da abordagem fenomenológica em pesquisas sobre o espaço, mas seu trabalho tem enfoque no campo da Arquitetura e Urbanismo e no debate sobre o ser-na-cidade. O autor parte da premissa de que o afastamento da produção arquitetônica e urbanística da função de “atender ao habitar pleno das pessoas” (p. 23) gerou espaços que não atendem a vivência cotidiana dos habitantes de cidades. Assim, o autor propõe a reflexão acerca do conceito de *lugaridade* como determinante para anteceder pesquisas. Sob a perspectiva fenomenológica, principalmente a que aborda o fenômeno do lugar, o autor entende o *lugar* associado ao *espaço vivido*. Outros conceitos que fundamentam o debate conduzido pelo autor são a *intencionalidade* e a *intersubjetividade*, além do conceito de *habitar* pensado como intrínseco a qualquer escala de produção arquitetônica. Assim, as referências do autor são Relph (geógrafo, 1944-), Heidegger, Lynch, Norberg-Schulz e Pallasmaa.

O trabalho de Teixeira-da-Silva (2020) aborda a fenomenologia como poética, com base em Bachelard, para propor o que o autor chama de “reconciliação entre sujeito e objeto” (p. 234) dentro da temática do patrimônio. O procedimento metodológico utilizado foi chamado de *itinerário geográfico* e consistiu em experiências de caminhada e conversas no conjunto patrimonial de uma cidade realizadas pelo próprio pesquisador. O trabalho relata os trajetos e as experiências em campo e as percepções que o pesquisador teve sob a forma de texto narrativo, junto a fotografias e poemas.

Silva e Duarte (2020) aproximam a fenomenologia ao *behaviorismo* espacial com o objetivo de estruturar conceitualmente as ambiências urbanas, considerando-as como atmosferas de sensações geradas na interação entre o ambiente e as atividades humanas. Os autores acreditam que:

Diante disto, pode-se afirmar que a fenomenologia funda uma escola do pensamento crítico ao pensamento clássico e que coloca no centro das questões a corporeidade, o eu empírico-perceptivo-sensorial, isto, portanto, encarnado em um espaço que é suporte, mas não meramente por constar de um enquadramento físico e, sim, fundamentalmente, por se tratar do meio através do qual as relações se dão e os fenômenos se integram ao real sensível. (SILVA; DUARTE, 2020, p. 11)

As referências utilizadas são Thibaud (sobre ambiências urbanas), Fischer (sobre psicologia ambiental), Golledge (sobre behaviorismo espacial e percepção) e Merleau-Ponty (percepção e fenomenologia da percepção). Dentre esses, o behaviorismo espacial é o que apresenta propostas de procedimentos metodológicos e formas de análise. Além disso, os autores destacam a percepção como conceito-chave tanto do behaviorismo espacial quanto da fenomenologia, a qual, sob a perspectiva fenomenológica, se faz através da experiência do sujeito no espaço. Consideram, portanto, que “a busca fenomenológica que as ambiências urbanas trazem em relação ao espaço (...) coloca um novo paradigma para o pensar arquitetônico que permitirá o reencontro do sujeito com seu corpo próprio no mundo” (p. 13).

Ponte (2019) trata em seu trabalho das experiências espaciais nas cidades, dentro do escopo da Geografia, a partir de uma abordagem fenomenológica. Por tratar do espaço urbano, a autora ensaia o uso do termo *fenomenologia urbana*, mas não o desenvolve em seu texto. A autora enfatiza que uma perspectiva sobre o espaço urbano que coloca o sujeito como centro referencial é uma atitude que subverte as lógicas da cidade produto, pensada na escala macro. O trabalho percorre as práticas dos grafiteiros como modos de habitar a cidade. Para fundamentar a discussão teórico-metodológica, a autora teve como referência Holzer (arquiteto e urbanista), Heidegger, Pallasmaa, Besse (filósofo, 1956-), Lefebvre (filósofo, 1901-1991), Merleau-Ponty, Barthe-Deloizy (geógrafa), Marandola Jr. (geógrafo), entre outros. O procedimento metodológico usado para a coleta de dados foi a entrevista, mas, como o artigo é derivado da tese de doutorado da autora, a coleta de dados e a análise desses dados não é explicitada no texto.

Netto (2013) considera que a aproximação entre as áreas da filosofia e dos estudos urbanos é incipiente e utiliza dessa aproximação para o debate acerca do conceito de *urbanidade*. O autor acredita que a filosofia é “uma área capaz de oferecer subsídios para capturar a experiência particular da urbanidade; uma área tradicional que, apesar de considerar o problema do espaço, ainda é distante ao tema urbano” (p. 235). O autor se baseia em Bergson (filósofo, 1859-1941), Ricouer (filósofo, 1913-2005), Lim (Doutora em Estudos do Cinema), Heidegger, Weigert (filósofo e sociólogo), Bourdieu (sociólogo, 1930-2002), Freeman (sociólogo, 1927-2018), Schütz (filósofo, 1899-1959), Habermas (filósofo, 1929-), Derrida (filósofo, 1930-2004) e Deleuze (filósofo, 1925-1995). Assim, aborda os diferentes modos de experiência urbana; as forças sociais de diferenciação dessa experiência; as dimensões fenomenológica, comunicativa e ontológica da urbanidade; as espacialidades; as diferentes urbanidades,

consequentes das diferentes culturas; e, por fim, o devir do urbano. É um artigo de discussão teórica que perpassa os conceitos da filosofia empregando-os em discussões sobre o espaço urbano.

Desta forma, observa-se que esse grupo de trabalhos tem uma abordagem bastante teórica e crítica, visto que discutem conceitos e possibilidades de aplicação da fenomenologia em pesquisas sobre o espaço urbano, mas se atém à fundamentação teórico-metodológica. Apenas um dos trabalhos (SANTOS; SOUZA, 2015) demonstrou os métodos de coleta e análise de dados utilizados na investigação. Em outro trabalho (TEIXEIRA-DA-SILVA, 2020), apesar de conter a descrição do método de coleta de dados, o método é realizado pelo pesquisador como a condução de uma experiência própria, não ampliada a indivíduos de pesquisa. Assim como o grupo anterior, deu-se ênfase em entrevistas na condução da coleta de dados das pesquisas.

Destaca-se que este grupo de trabalho, o mais extenso dos três aqui apresentados, traz enfoque na construção do espaço urbano como o mundo percebido pelos sujeitos que nele habitam, ou seja, o espaço urbano é entendido como o mundo através do qual o corpo vivencia a essencialidade humana e se reconhece como sujeito através da experiência perceptiva. A fenomenologia aparece nestes trabalhos como um reposicionamento do corpo-sujeito como central na experiência urbana, discutindo formas tradicionais de prática e pesquisa e propondo a abordagem fenomenológica como de grande relevância para a temática urbana.

Fenomenologia e leituras da paisagem urbana

Nessa categoria, estão elencados trabalhos que utilizam a fenomenologia como aporte teórico-metodológico para investigações sobre a paisagem urbana. De certa forma, esse grupo é constituído por um objeto de pesquisa que se enquadraria como uma derivação da categoria anterior, mas que se posiciona sobre um recorte mais específico do objeto “espaço urbano”.

Em Wehmann (2016), a paisagem é tratada como apreensão sensível do espaço, evidenciando uma dimensão estética, intrínseca ao modo de ser humano, e que deve ter seu lugar no escopo conceitual e no projeto de espaços livres. A autora discute, a partir de estudo de caso, as contribuições da pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica na produção de conhecimentos sobre projetos de espaços livres inseridos em conjuntos habitacionais, por ser centrada na observação das experiências e percepções dos sujeitos nos espaços vividos. A partir de referenciais da geografia humanista-cultural, defende a experiência estética da paisagem nos espaços cotidianos, privilegiando, portanto, a dimensão do corpo sensível nos processos de apropriação e significação dos espaços. Por fim, a autora destaca que a desconexão entre as lógicas de projeto e os indivíduos usuários dos espaços projetados é um problema que pode ser enfrentado com a inserção de subjetividades nas reflexões acerca do papel dos espaços livres urbanos.

Serpa (2007), com fundamentação em Milton Santos (geógrafo, 1926-2001), Husserl, Merleau-ponty e Sartre (filósofo, 1905-1980), discute a construção de parâmetros para uma abordagem crítica da paisagem contemporânea. O autor considera a paisagem uma produção humana resultante de um processo de acumulação material, cronológica e,

também, invisível. Desta forma, a crítica fenomenológica seria a revelação deste invisível enquanto essência, no lugar das limitadas leituras formais e funcionais das paisagens, principalmente no cenário atual que privilegia o visível espetacular em suas intervenções urbanas. Para o autor, o enfoque fenomenológico diz respeito a “partir das coisas elas próprias, permitindo trabalhar o conceito de cotidiano bem como temáticas como o “simbólico” e o “valor” nas disciplinas territoriais” (p. 20), além de “um retorno à percepção originária” (p. 20), a fim de alcançar uma “síntese sujeito-objeto” (p. 20).

O trabalho de Crichyno (2019) apresenta uma perspectiva poética sobre o imaginário arbóreo da paisagem sob a abordagem fenomenológica. Acreditando nos significados simbólicos que a paisagem urbana provoca nos sujeitos e dos elos que são construídos a partir daí, o trabalho reflete sobre o uso da vegetação, principalmente das árvores, em projetos urbanos e como as provocações subjetivas contribuem para a valorização das paisagens urbanas. O autor tem como referência autores do paisagismo, da psicologia ambiental, das poéticas dos espaços e da geografia. Assim, o trabalho explora as possibilidades da imagem poética das árvores na significação dos lugares.

Por fim, Silva e Ertzogue (2015) discutem os conceitos de fenomenologia, cosmologia, paisagem e lugar para fundamentar o debate acerca das transformações paisagísticas em uma cidade impactada por barragem. O procedimento metodológico foi a análise de duas fotografias que retratam a paisagem de um rio desta cidade, utilizando os conceitos teóricos apresentados. A partir das fotografias, o trabalho descreve os impactos paisagísticos e conclui que as transformações geraram ressignificações por parte dos sujeitos.

Os trabalhos dispostos neste grupo seguem as mesmas bases teóricas dos grupos apresentados anteriormente, apesar da mudança de objeto de análise. Em nenhum dos artigos aqui expostos foram descritos procedimentos metodológicos que envolvessem indivíduos usuários dos espaços analisados, apresentando com maior frequência uma leitura da paisagem urbana a partir do pesquisador-autor. Desta forma, esse grupo apresenta uma discussão de caráter ainda mais ontológico, visto que não trata de aspectos cotidianos da experiência de usuários em relação ao espaço e dedica suas análises a uma redução fenomenológica em relação à paisagem, entendendo a própria paisagem como fenômeno puro da experiência humana, que provoca experiências simbólicas e subjetivas em cada indivíduo.

Notas sobre Fenomenologia Urbana

Difundido a partir da década de 1920, o urbanismo modernista se organizou com base no zoneamento funcionalista estruturado por vias automotivas de larga escala e estabeleceu a desconexão do indivíduo com o espaço urbano. A partir da década de 1960, Jane Jacobs apresentou o automóvel como elemento redutor de qualidade de vida urbana, baseando-se na redução das relações humanas e no senso de conjunto e comunidade que o transporte motorizado individual induz e, assim, despertou o reposicionamento, por parte dos urbanistas, do indivíduo como o principal elemento do espaço público (JACOBS, 1961). Neste mesmo sentido, Jan Gehl, a partir da década de 1970, dedicou seus estudos e projetos a orientar diretrizes de intervenções urbanas que levem em conta o indivíduo e a experiência que se tem nos espaços públicos urbanos a partir do corpo (GEHL, 1971, 2010).

Na arquitetura e no estudo dos espaços internos, Bachelard, em 1958, apresentou o *A poética do espaço* (BACHELARD, 1993), onde traz o fenômeno da imaginação como construção de sentido acerca dos espaços explorados ao longo do texto, dentre eles alguns espaços arquitetônicos como a casa, o porão, o sótão e a cabana. Através de uma reflexão poética, o autor perpassa a experiência humana desses ambientes, considerando suas particulares provocações no indivíduo e as imagens criadas por ele sobre o espaço a partir dessas provocações (LUCENA, 2007).

No entanto, ao nos debruçarmos especificamente sobre a conexão da fenomenologia com o estudo de ambientes ou objetos de maior escala podemos considerar Norberg-Schulz como uma das primeiras influências no campo do Urbanismo sobre a temática. O texto *O fenômeno do lugar*, com a primeira edição publicada em português em 2006, aborda as características qualitativas para além dos sentidos quantitativos e funcionais. O autor indica a fenomenologia como uma alternativa de alcance ao mundo-da-vida cotidiana, o qual, para o autor, “deveria ser a verdadeira preocupação do homem em geral e dos planejadores e arquitetos em particular” (p. 445) e considera que “uma fenomenologia da arquitetura é, portanto, urgentemente necessária” (p. 445). Ainda que aborde a relação do indivíduo com o espaço da casa e seus elementos, o autor avança a discussão para a composição dos fenômenos da paisagem e do lugar que vão culminar em uma identidade ou “espírito” do lugar – *genius loci* (NORBERG-SCHULZ, 2008).

No Brasil, uma *fenomenologia urbana* ainda é insurgente se considerarmos a baixa recorrência da utilização do termo e a limitada transcrição de procedimentos metodológicos de coleta de dados adequados a tal metodologia. Na revisão de literatura percorrida neste artigo, apenas Ponte (2019) se refere explicitamente ao termo “fenomenologia urbana”, problematizando-o em relação a uma particularidade da fenomenologia. Nesse caso, entendemos que a autora se refere à fenomenologia urbana como uma proposta teórico-metodológica que conduziria o olhar e a pesquisa para as experiências dos sujeitos no espaço urbano, buscando compreender o modo como esses sujeitos habitam o espaço da cidade a partir das suas manifestações cotidianas. A autora destaca que:

[...] uma fenomenologia urbana ou das cidades perpassaria, então, pela busca da compreensão dessas condutas [do indivíduo no espaço urbano] e sentimentos - os quais acreditamos estar intrinsecamente interligados a uma geografia encarnada e à corporeidades próprias. Uma fenomenologia dos corpos urbanos nos situaria na escala micro, na compreensão da cidade a partir das pessoas, de suas experiências dessa realidade geográfica. É através da observação dos corpos em movimento que acessamos o fenômeno urbano de forma situada, entendendo a relação dos sujeitos com a cidade e as distintas formas de vivê-la e habitá-la. (PONTE, 2019, p. 11-12)

No entanto, embora não assumam o termo *fenomenologia urbana*, outros trabalhos evidenciam essa preocupação com a centralidade das experiências dos sujeitos na análise e compreensão de espaços urbanos. A exemplo disso, Wehman (2016) utiliza a expressão “criatividade cotidiana” para se referir a formas de habitar os espaços da cidade que se configuram como micro resistências à lógica dominante que governa os projetos de espaços livres, aproximando a lógica projetual da lógica daqueles aos quais se destina o projeto. Holzer (2017, p. 20) defende que o “ser-no-mundo se

consustancia para o ser-na-cidade”, considerando a perda de relações com a natureza e o campo e a mediação tecnológica provocada pela revolução cibernética, apontando um caminho possível para pensarmos uma nova ontologia do ser-situado-na-cidade, a partir da experiência *urbana*. Configura-se, portanto, um *habitar* específico.

Os trabalhos aqui expostos mencionam, ainda, a necessidade de se repensar os fundamentos do pensamento, seja arquitetônico seja geográfico, para alcançar uma ciência urbana que esteja aproximada do ser-no-mundo e que produza conceitos no âmbito da compreensão dos fenômenos urbanos. Nesse sentido, Netto (2013) considera a filosofia uma área com a qual os estudos urbanos podem ter uma aproximação, uma vez que refletir sobre a experiência urbana é também uma reflexão sobre a experiência humana, visto que a experiência humana é mediada, muitas vezes, pela cidade.

Assim, a fenomenologia urbana seria uma aplicação metodológica dos conceitos teórico-filosóficos da fenomenologia, enquanto observação da experiência humana no mundo, para a observação e avaliação da experiência humana na cidade. Aborda os processos de subjetivação e apreensão que se dão no e a partir do mundo urbano, principalmente em recortes específicos como os aqui apresentados – conjuntos habitacionais, espaços urbanos e paisagem urbana. Podemos citar, ainda, como um dos desdobramentos práticos da temática da fenomenologia para os estudos urbanos, o “Curso de Fenomenologia Urbana: compreendendo a cidade a partir das pessoas”⁵ que foi promovido em São Paulo-SP, em 2017. Ministrado por Vânia Bartalini (psicóloga e mestra em Arquitetura e Urbanismo) e coordenado por Vanessa Espínola (designer), Guilherme Ortenblad (arquiteto e urbanista) e Ursula Troncoso (arquiteta e urbanista), o curso teve como objetivos apresentar os fundamentos teórico-conceituais da fenomenologia urbana e formar pesquisadores através da realização de um estudo de caso com aplicação dos conceitos e teorias fundamentados na fenomenologia. Contudo, não se tem notícia de outras edições do curso e não foram identificadas publicações resultantes da edição de 2017.

Além disso, os trabalhos revelam o caráter embrionário da *fenomenologia urbana* ao apresentarem a fenomenologia como um “novo olhar” sobre o urbano, um aporte teórico-metodológico que excede o estudo urbano tradicional predominante e as metodologias clássicas no campo da Arquitetura e da Geografia. A fenomenologia seria, por fim, o caminho epistemológico em direção a uma ciência urbana do corpo sensível e do habitar as cidades.

Considerações

Com o objetivo de demonstrar a situação atual do uso da fenomenologia em pesquisas sobre cidades, foi confirmado que a aproximação entre os estudos urbanos e a filosofia ainda é moderada, como apontado no trabalho de Netto (2013), principalmente na recorrência da utilização do termo *fenomenologia urbana*. Há, ainda, uma particularidade ao analisarmos os trabalhos que fazem essa aproximação: a maior parte dos textos aos quais tivemos acesso no levantamento da produção brasileira disponível nas bases Capes Periódicos e Google Acadêmico foi desenvolvida no âmbito da Geografia Humana.

Convém observar, no entanto, que apesar do volume de trabalhos levantados e analisados na construção deste trabalho ser considerável, tendo em vista as bases

⁵ Curso de fenomenologia urbana: compreendendo a cidade a cidade a partir das pessoas. *Archdaily*, set. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/879857/curso-de-fenomenologia-urbana-compreendendo-a-cidade-a-partir-das-pessoas>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

pesquisadas, o levantamento se configura como um pequeno recorte do panorama da presença da fenomenologia em pesquisas sobre cidades no Brasil. É possível, contudo, que, em decorrência da fenomenologia não ter definições metodológicas rigidamente definidas, autores utilizem o aporte teórico-metodológico da fenomenologia sem explicitá-lo precisamente, justamente por se tratar de um caráter ontológico do ser no mundo, e que os procedimentos metodológicos de uma pesquisa que reconheça sua abordagem fenomenológica se configurem como um entrave a ser superado.

Apesar disso, percebe-se que a fenomenologia como base metodológica de pesquisa é empregada em pesquisas que desejam incorporar a perspectiva do usuário na avaliação, análise e compreensão de um espaço, seja ele em escala arquitetônica ou urbana. Poderíamos concluir que os trabalhos apresentados são guiados pela angústia existencial em relação ao ambiente construído vivido, a qual pode ser entendida como uma aplicação, em menor recorte, das teorias que conformam o *habitar* como processo ontológico do ser no mundo. Isso porque, de forma geral, tais pesquisas entendem o espaço como um ambiente que sensibiliza o usuário, em variadas dimensões, e buscam captar as provocações sensíveis deste usuário - motoras, táteis, olfativas, audíveis, cognitivas, afetivas ou, sobretudo, subjetivas e culturais. Dessa maneira, o conjunto formado por essas provocações configura a experiência espacial e ontológica do sujeito, cujo destaque parte, de fato, da fundamentação fenomenológica que os trabalhos explicitam. Isso pode ser observado pela ênfase que os trabalhos aqui analisados dão aos relatos das experiências espaciais de cada indivíduo como dados primordiais para a condução de pesquisas com abordagem fenomenológica, pois entendem a constituição do mundo vivido como aquilo que percebemos. Assim, reforçamos que a colocação do corpo-sujeito no centro da experiência urbana ou arquitetônica é imperativo na condução de pesquisas fenomenológicas, o que foi fortemente observado nos trabalhos aqui apresentados.

Entretanto, não foi possível, com base neste levantamento, constatar quais seriam os procedimentos metodológicos indispensáveis em pesquisas fenomenológicas sobre cidades. Isso porque os procedimentos metodológicos são variados, apesar de no campo da Arquitetura e Urbanismo observar-se a predominância da inclusão de entrevistas e mapas mentais.

Assim, considera-se que, apesar de haver no Urbanismo uma crescente aproximação das teorias, críticas e práticas que visem analisar qualitativamente a experiência humana nas cidades, a filosofia e, particularmente, a fenomenologia são pouco anunciadas como fundamentação nas pesquisas brasileiras dentro da temática. Por isso, acredita-se que a discussão deve ser estendida às possibilidades de desdobramento da fenomenologia em fenomenologia urbana, além da delimitação de procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados, para, enfim, haver também uma difusão prática também em etapas de diagnóstico e projeto de espaços públicos urbanos.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CRICHYNO, Jorge. Paisagem e fenomenologia do lugar poético: imaginário arbóreo do Parque do Flamengo. *Revista Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity*, Belém, v. 11, n. 1, jan./abr. 2019, p. 157-177.

- DE PAULA, Fernanda. Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia. *Geotextos*, vol. 7, n. 1, jul. 2011, p. 105-126.
- GEHL, Jan. *Life between buildings: using public space*. Dinamarca: The Danish Architectural Press, 1971.
- _____. *Cities for people*. Londres: Island Press, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. *Ser e tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- HOLZER, Werther. Ser-na-cidade: por uma arquitetura e urbanismo como lugar. *Pensando-Revista de Filosofia*, vol. 8, n. 16, 2017, p. 20-32.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- JACOBS, Jane. *The death and life of great American cities*. Nova York: Random House, 1961.
- JACQUES, Paola; BRITTO, Fabiana. Sujeitos corporificados e corpografias urbanas: em busca de um urbanismo incorporado. In: SILVA, Catia; CAMPOS, Andreilino. (Org.). *Metrópoles e invisibilidades: da política às lutas de sentidos da apropriação urbana*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.
- KASHIWAGI, Helena. O processo de percepção e apropriação do espaço nas comunidades marginais urbanas: o caso da favela do Parolin em Curitiba - PR. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3448>>. Acesso em: 09 ago. 2021.
- LUCENA, Karina. Uma fenomenologia da imaginação através do espaço. *Nau – Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*, Porto Alegre, v. 03, n. 01, jan./jun. 2007, p. 1-9.
- MALARD, Maria Lucia; CONTI, Alfio; SOUZA, Renato; CAMPOMORI, Maurício. Avaliação pós-ocupação, participação de usuários e melhoria de qualidade de projetos habitacionais: uma abordagem fenomenológica. In: ABIKO, Alex; ORNSTEIN, Sheila. (Ed.). *Inserção urbana e avaliação pós-ocupação (APO) da habitação de interesse social*. São Paulo: FAUUSP, 2002. (Coletânea Habitare/FINEP, vol. 1).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NESBITT, Kate. Introdução. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- NETTO, Vinicius. A urbanidade como devir do urbano. *Eure*, v. 39, n. 118, set. 2013, p. 233-263.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- PONTE, Patrícia. A geografia fenomenológica dos corpos urbanos e do habitar as cidades. In: ENANPEGE, XIII, set. 2019, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562605778_ARQUIVO_Enanpegeartigo_PatriciaPonte.pdf>. Acesso em 06 ago. 2021.
- SANTOS, Franco; SOUZA, Lucas. Estudo da percepção da qualidade ambiental por meio do método fenomenológico. *Mercator*, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 57-74, mai./ago. 2015.
- SARAMAGO, Ligia. Entre a Terra e o Céu: a questão do habitar em Heidegger. *O que nos faz pensar*, n. 30, dez. 2011, p. 73-83.
- SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. Um olhar fenomenológico sobre a cidade. *Somanlu*, v. 1, n. 1, 2000, p. 129-141.
- SERPA, Angelo. Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea. *Revista Formação*, v. 2, n. 14, 2007, p. 14-22.

SILVA, Leonardo; DUARTE, Cristiane. Ambiências urbanas no behaviorismo espacial e na fenomenologia da percepção. *Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, v. 18, 2020, p. 01-15.

SILVA, Jonas; ERTZOGUE, Marina. Cosmologia, paisagem, lugar e o método fenomenológico: possíveis reflexões em uma cidade impactada por barragem. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, Macapá, v. 8, n. 1, jan./jun. 2015, p. 11-21.

TEIXEIRA-DA-SILVA, Rafael Henrique. Geografia e fenomenologia: o patrimônio em aberto. *Geotextos*, vol. 16, n. 1, jul. 2020, p. 233-255.

WEHMAN, Hulda Erna. A pesquisa qualitativa fenomenológica: olhos para ver a criatividade cotidiana. *Risco – Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, v. 14, n. 2, 2016, p. 56-66.

Recebido [Set. 14, 2021]

Aprovado [Abr. 11, 2023]